

# ESPAÇOS E ACTIVIDADES DESPORTIVAS ESCOLARES: CONTRIBUTO PARA A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO ACESSO AO LAZER ACTIVO, PARA AS POPULAÇÕES FEMININA E MASCULINA<sup>1</sup>

**Maria da Guia Oliveira do Carmo**  
Escola Básica 2,3 "Júlio – Saúl Dias" de Vila do Conde

## INTRODUÇÃO

A situação da Mulher no nosso país é hoje muito diferente daquela em que se encontrava à uma dezena de anos atrás. Alguns autores consideram mesmo que a sua situação evidencia o maior progresso obtido pela sociedade portuguesa no “período pós 25 de Abril de 1974”. Mas e apesar de toda a evolução sofrida, a igualdade de oportunidades está longe ainda de ser paritária para ambos os sexos. Esta desigualdade é ainda demasiado evidente relativamente às práticas de lazer activo, nas quais se enquadra o desporto. Os preconceitos e estigmas em relação ao sexo feminino estão enraizados na sociedade tradicionalmente sexista e começam desde cedo a interferir na educação das raparigas, antes mesmo da sua escolaridade. Neste sentido a escola surge como uma oportunidade única e inigualável de combate à exclusão, seja ela qual for. Mas também a escola não está isenta de ideias pré concebidas que aceitamos a priori como válidas. Só o olhar atento e o questionar permanente da investigação científica nos permitem alcançar a razão de ser de determinados comportamentos. Como um instrumento de igualdade e indicador de qualidade de vida destacamos no nosso trabalho o contributo do lazer e particularmente do lazer activo.

Contribuindo para o seu desenvolvimento integral e a constituição de um carácter forte e determinado, o desporto pode dar um contributo importante na formação das raparigas. A escola parece-nos ser um local de eleição para trabalhar esta problemática. O trabalho agora apresentado é o nosso contributo para que o Desporto se aproxime das raparigas já que estas teimam (voluntária ou involuntariamente) em fugir dele.

---

<sup>1</sup> Texto baseado na Tese de Mestrado em Ciências do Desporto, Área de Especialização em Gestão Desportiva, intitulada “Igualdade de oportunidades no acesso ao lazer para as populações feminina e masculina”, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, em 9 de Março de 2001.

## *O lazer na escola*

O projecto de implementação do lazer na escola é hoje em dia fundamental quer na educação para a cidadania plena, prevista do Decreto – Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, quer indo ao encontro das três vertentes que Daniel Sampaio (1997) preconiza para a escola actual: “(...) a educação tem que ter cada vez mais três vertentes: a instrução (aquisição de conhecimentos), a estimulação (desenvolvimento da personalidade do aluno) e a socialização (interiorização de condutas e valores para a vida em sociedade). (...) O insucesso escolar de muitos estudantes não é devido, em muitos casos, a carências individuais, mas ao nível cultural da sua família, à organização da escola e à estrutura social no seu conjunto.” (In A cinza do tempo, p.199).

Segundo Carmo (2001) as escolas actuais têm necessidade de se identificarem como “Centros de Instrução e Lazer” e “estarem abertas à comunidade como fundamento da sua própria existência”. Defendemos uma escola aberta à comunidade e ao seu serviço assumindo-se como polo de desenvolvimento social. Em concordância com Larraz (1988) defendemos que a escola deve abrir os seus espaços de recreio à sociedade que serve.

## *Lazer e tempo livre*

A sociedade contemporânea caracterizada pela informação, valoriza o lazer e o tempo livre em oposição às sociedades industrial e pós industrial que se caracterizavam pela indústria e pela valorização do trabalho (Bento, 1991 a, b; Pires, 1995 a, b).

Consoante o grupo etário e a condição sócio - económica de cada um, o número de horas livres é diferenciado, bem como a ocupação que se destina a esses mesmos tempos livres.

Torna-se pois evidente a necessidade de preparar as crianças para uma cultura de tempo livre mas sobretudo perceber que os tempos livres desempenham um papel fundamental no equilíbrio físico e psíquico das crianças.

Tal facto é reconhecido pela Convenção sobre os Direitos da Criança, contemplando no artigo 31.º como um dos direitos fundamentais das crianças o “(...) direito ao repouso e aos tempos livres, participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade (...)”.

Ainda no ponto 2 do mesmo artigo se lê que cabe aos estados membros “(...) encorajar a organização de formas adequadas de tempos livres e actividades recreativas, artísticas e culturais em condição de igualdade”.

Na escola podemos identificar como tempos livres das crianças, os intervalos entre os diferentes tempos lectivos e entre os diferentes turnos (em elevado número de escolas públicas o regime de funcionamento faz-se em desdobramento de turnos, tendo os alunos pela extensão do currículo e exiguidade das instalações, predominantemente aulas de manhã ou tarde e algumas

aulas no turno contrário), os tempos em que os professores faltam, identificados pelos alunos como “feriados” ou “furos” (Lopes, 1997), sublinha a importância atribuída pelos jovens aos “furos”, como escape da “saturação face às aulas” e ainda os períodos de interrupção das actividades lectivas, identificados como períodos de férias.

Segundo Carmo (2001), estes tempos livres estão condicionados pelo estudo (onde se incluem os trabalhos para casa, marcados pelos professores), pelas tarefas que a criança tem no âmbito familiar (tarefas domésticas ou outras que poderão mesmo identificar-se em alguns casos como trabalho infantil), pelo tempo destinado às refeições, pelos limites biológicos (sono e vigília), pelos transportes e ainda por outras ocupações inerente à família, que a criança não pode optar (catequese, actividades desportivas ou artísticas impostas às crianças, relativas à excessiva institucionalização do lazer, acompanhamento dos pais em deslocações, etc.).

Apesar das diversas condicionantes apontadas existe um elevado número de alunos que permanecem na escola para além dos tempos lectivos.

Estes tempos livres se não forem devidamente enquadradas, originam frequentemente situações de vandalismo, conflito e *bullying*.

O *bullying*, termo internacional, “*que foi descrito como o abuso sistemático do poder entre pares*” segundo Pereira (2001) citando Smith e Sharp, ao qual a autora acrescenta a “*intencionalidade de fazer mal*”, reúne um conjunto de comportamentos que variam entre o “chamar nomes”, dizer “segredinhos”, dizer mal de alguém (este conjunto de comportamentos verificam-se com maior frequência entre as raparigas) até ameaças e confrontos físicos (mais frequentes entre os rapazes), segundo Pereira, Neto & Smith, (1997).

Carmo (2001) junta a este conceito “*bullying*”, o comportamento “impedir de jogar” já que o jogo, sendo uma atitude natural característica desta fase da vida das crianças e fundamental ao seu desenvolvimento, é uma das formas privilegiadas de integração ou não integração num grupo, sofrendo a criança profundamente com o afastamento intencional do grupo pretendido, sobretudo pelos seus pares.

Pessanha (2001) citando Pelligrini, refere que “*as crianças rejeitadas participam brincando de forma mais isolada nos tempos livres e evidenciam comportamentos mais frequentes de play fighting*”.

### *A importância dos espaços e das actividades de lazer na escola*

As famílias têm hoje constituições e ocupações díspares das que se verificavam à umas dezenas de anos atrás, condicionando de forma diferente o acompanhamento das crianças. Algumas crianças estão hoje muito tempo sozinhas (entregues a si próprias) estando outras, pelo contrário, demasiado institucionalizadas (Neto, 1997 a, b).

A escola tenta adaptar-se e organizar-se para melhor responder às exigências da vida contemporânea e aos anseios da população escolar. Segundo Carmo (2001) a resposta a esta

problemática só é possível valorizando os tempos livres dos alunos, respeitando a intimidade e cumplicidade que lhe são inerentes, dando intenção e coerência a todos os espaços e actividades no âmbito do lazer escolar, abrangendo as áreas recreativas, desportivas, culturais e ecológicas.

Criando oportunidades de lazer, a escola, assume a responsabilidade devida às instituições escolares de favorecer “*uma verdadeira cultura de protecção à infância*” preconizada por Strecht (1998), chegando o lazer a todas as crianças, como compete às escolas públicas.

Nesta proposta, o lazer é assumido como uma das vertentes fundamentais do desenvolvimento humano a ser promovido pela escola. As actividades recreativas, culturais, desportivas e ecológicas são entendidas como um todo – a oferta de lazer que a escola proporciona aos seus alunos (num âmbito restrito) e a toda a comunidade educativa (âmbito progressivamente mais alargado) numa dinamização assumida de todos os espaços disponíveis, de abertura ao meio, um real polo de desenvolvimento social e um contributo importante para a redução da indisciplina e violência na escola, mas também na família.

O investimento realizado no parque escolar não acompanhou a massificação produzida pela escolaridade básica alargada até ao 9º ano. A par da sobre – lotação das escolas, os espaços escolares destinados ao lazer ficaram reduzidos, degradados ou mesmo inexistentes.

De facto os espaços disponibilizados pelas escolas para o lazer, bem como as suas características, constituem-se como variável estruturante no acesso ao lazer, nomeadamente ao lazer activo e contribuem para a existência de situações violentas entre pares.



### *A importância do lazer activo na educação das raparigas*

Embora e apesar da existência da coeducação, raparigas e rapazes não têm beneficiado de igual maneira das práticas desportivas. A percentagem de mulheres que praticam desporto (14%) está muito distante da percentagem masculina (34%) para a população entre os 15 e os 74 anos (dados da Secretaria de Estado do Desporto, 1998), Marivoet (2001). A escola tem aqui um papel fundamental na criação de oportunidades de prática desportiva, de hábitos de vida activos, de educação para a saúde, contrariando o sedentarismo característico da vida contemporânea.

Segundo Canço & Castro (2000) citando o Inquérito Nacional de Saúde de 1995/96, um conjunto de doenças apresentam maior incidência em mulheres do que em homens (chegando mesmo a atingir quase o dobro dos valores, em doenças como a tensão alta e dores nas costas), beneficiando todas elas com a prática do exercício físico. Ainda segundo o mesmo inquérito as práticas de lazer femininas concentram – se em actividades também sedentárias, com baixa prática de desporto (94,3% – leitura, fazer renda, ver televisão ou outras coisas deste tipo; 29,4% – passear a pé, andar de bicicleta ou outras coisas deste tipo; 6,7% – exercício físico

regular para se manter em boas condições). Os vários estudos parecem apontar para uma relação evidente entre a sobrecarga de ocupação e de trabalho a que a mulher está submetida e as doenças de que padece. Por outro lado, evidenciam a falta de mecanismos de compensação do *stress* ou inadequação dos mesmos e ainda a falta de tempo, como salienta Marivoet (2001):

“A falta de tempo foi a razão mais apontada pelos não praticantes para o facto de não praticarem desporto – cerca de 60% da população assim o referiu.(...) Os indivíduos com filhos a cargo, maioritariamente mulheres, são aqueles que apresentam a participação desportiva mais baixa, 11% (...).(In O género e o desporto: hábitos e tendências, p.121)

A escola bem como outros parceiros sociais (autarquias, clubes, instituições juvenis) têm a obrigação de inverter esta situação, contribuindo na formação de raparigas com carácter, mais activas e saudáveis.

O desporto (embora não sendo uma panaceia para todos os males) responde a estas exigências possuindo uma característica inigualável – o prazer desencadeado no corpo e na mente pela sua prática. “Vício” que aprisiona e liberta. O prazer provocado pelo esforço físico induz a mais prazer, mantendo os praticantes fiéis à sua escolha. Libertando o corpo, este usufrui da sua plenitude conjuntamente com uma mente descontraída e desperta para a vida.

### *Metodologia*

A metodologia utilizada foi o estudo de caso (Bell, 1997). Procedeu-se ao estudo do lazer infantil no concelho de Vila do Conde, através de questionário aplicado a 533 crianças entre os 10 e os 15 anos das cinco Escolas Básicas 2,3 do concelho e entrevistas guiadas aos cinco Presidentes dos Conselhos Executivos das respectivas escolas. Estudaram - se as relações existentes entre o lazer das populações feminina e masculina e a igualdade de oportunidades no acesso ao lazer proporcionadas pelos meios familiar, escolar e social. Para análise dos dados recolhidos e consoante a(s) variável(eis) em estudo, a análise foi univariada, ou bivariada. Foram utilizadas as frequências, a Média e Desvio Padrão e o cruzamento de variáveis. Para comparar a independência de variáveis foi utilizado o teste do  $X^2$ . O nível de significância foi definido para um p inferior a 0,05.

### *Resultados*

Apresentamos seguidamente alguns dos resultados mais interessantes obtidos na investigação.

Existem diferenças importantes entre as práticas de lazer das raparigas e dos rapazes.

Estas diferenças e cumplidades encontradas no nosso estudo são, segundo os vários autores por nós estudados, fruto de factores educacionais, quer sejam eles de ordem familiar, escolar e

social (Lamas, 1952; Formosinho, 1987 a, b, c; Formosinho & Fernandes, 1987; Ariès & Duby, 1991; Duby & Perrot, 1993; Silva, Alves, Garcia & Henriques, 1995; Henriques, 1996; Martelo, 1999; Canço & Castro, 2000), e determinam diferentes representações do feminino e do masculino. Essas representações reflectem-se nas escolhas de lazer, traduzidas pela procura. No nosso estudo é significativo ser rapaz e ter actividades de lazer fora da escola.

Apesar dos intervenientes no lazer escolar – alunos e professores - estarem convictos de que existe paridade na escola para os dois sexos em matéria de lazer, tal facto não se verifica na prática. Os comportamentos dirigidos a raparigas e rapazes são diferenciados e reforçados por estereótipos sexuais tradicionais, presentes nos discursos e atitudes dos agentes educativos e ainda nos manuais escolares (Martelo, 1999).

O mesmo se verifica no lazer, sendo aqui mais evidente como principal fonte de discriminação, a oferta dominante. Como refere Cunha (1998), determinadas actividades só são possíveis de desenvolver existindo locais próprios para tal. Os espaços e as actividades disponibilizados para as raparigas, são as principais fontes de discriminação, por não atenderem à sua particularidade: gostos e necessidades diferentes, ou tão somente, não existirem na escola espaços recreativos e desportivos com capacidade e qualidade para todos os alunos poderem usufruir deles, dominando a lei do mais forte (quadro 1)<sup>2</sup>.

Motivo /Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Já estava ocupado	86	56,2	70	47,0	156	51,7
Estava fechado	19	12,4	9	6,0	28	9,3
Os rapazes não deixaram	5	3,3	16	10,7	21	7,0
As raparigas não deixaram	3	2,0	-	-	3	1,0
Os mais velhos não deixaram	6	3,9	21	14,1	27	8,9
Estava fechado ou ocupado		3,3		0,7		2,0
Os funcionários não deixaram	28	18,3	25	16,8	53	17,5
Não tínhamos material	-	-	1	0,7	1	0,3
Os professores não deixaram	1	0,7	6	4,0	7	2,3
Total	153	100,0	149	100,0	302	100,0

**Quadro 1.** O motivo por que não puderam ocupar determinado espaço de lazer – Diferenciação do sexo

É precisamente nos espaços de jogo (campos desportivos e recreio, identificados como os mais problemáticos) onde as raparigas estão mais sujeitas a coacção psicológica, sendo sobretudo, impedidas de jogar (quadros de 1, 2, 3 e 4). Aqui, como nos estudos de outros autores (Pereira, 1997,1999; Pereira, Neto & Smith, 1997; Marques, 1998; Pereira e Pinto, 1999) os recreios são locais pouco seguros e contribuem pouco para a formação dos alunos devido à sua aridez e desumanização.

<sup>2</sup> Nos quadros que se seguem, o fundo branco refere-se à análise segundo a diferenciação dos sexos e o fundo cinza refere-se à análise total dos resultados sem esta diferenciação. Repare-se na frequência com que estas duas análises discordam, sobretudo ao nível das actividades praticadas e desejadas pelos dois sexos

Espaço / Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Sala de convívio	16	8,5	12	6,5	28	7,5
Biblioteca	21	11,1	17	9,1	38	10,1
Vídeo/ludoteca/computadores	5	2,6	4	2,2	9	2,4
Jardins	5	2,6	5	2,7	10	2,7
Duas e três áreas referidas	46	24,3	22	11,8	68	18,1
Recreio e zona desportiva	96	50,8	126	67,7	222	59,2
Total	189	100,0	186	100,0	375	100,0

**Quadro 2.** Espaço de lazer onde aconteceu o acesso limitado - Diferenciação do sexo

Pessoas que impediram/Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Rapazes da turma	45	45,5	64	61,5	109	53,7
Raparigas da turma	23	23,2	2	1,9	25	12,3
Outras raparigas	6	6,1	-	-	6	3,0
Outros rapazes	14	14,1	36	34,6	50	24,6
Rapazes e raparigas	11	11,1	2	1,9	13	6,4
Total	99	100,0	104	100,0	203	100,0

**Quadro 3.** Pessoas que impediram o acesso ao jogo - Diferenciação do sexo

Frequência/ Escola	Nunca		1 a 2 vezes este período		1 vez semana anterior		2 vezes semana anterior		Sempre		TOTAL	
	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
EB Saúl Dias	56	50,0	35	31,3	5	4,5	10	8,9	6	5,4	112	100
EB Frei João	50	53,2	31	33,0	5	5,3	6	6,4	2	2,1	94	100
EB D. Pedro IV	70	72,2	17	17,5	2	2,1	3	3,1	5	5,2	97	100
EB Ribeirinha	57	51,4	46	41,4	3	2,7	4	3,6	1	0,9	111	100
EB Junqueira	61	54,0	32	28,3	4	3,5	8	7,1	8	7,1	113	100

**Quadro 4.** Frequência com que os alunos foram impedidos de jogar - Escola

A capacidade demonstrada pelas raparigas/mulheres em evitar conflitos e distúrbios torna-as invisíveis e sistematicamente esquecidas (Pfister, 1991; Ariès & Duby, 1991; Duby & Perrot, 1993; Martelo 1999; Ehrhardt, 2000). Os rapazes por serem mais rígidos na sua personalidade e mais cientes do seu poder e auto - estima, fazem-se notar, muitas vezes à custa dos conflitos. As raparigas do estudo demonstram também serem melhores alunas e menos conflituosas do que os rapazes concordando com os dados de Canço & Castro (2000) e Silva, Alves, Garcia & Henriques (1995).

As actividades espontâneas mais praticadas na escola são o *Futebol* para os rapazes e o *Passear* para as raparigas, sendo que os rapazes praticam desporto numa percentagem muito maior do que as raparigas (25% para as raparigas e de 64,8% para os rapazes, na totalidade das modalidades desportivas indicadas). Enquanto que os rapazes, na sua maioria, já praticam a

modalidade que preferem – o *Futebol*; as raparigas o que mais fazem nos tempos livres é *Passear* (enquanto estão na escola), por falta de alternativas (quadro 5)<sup>3</sup>.

Actividades de tempos livres espontâneas na escola / Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Futebol	12	4,4	123	47,7	135	25,5
Passear	59	21,8	8	3,1	67	12,7
Conversar	45	16,6	7	2,7	52	9,8
Voleibol	49	18,1	3	1,2	52	9,8
Computador	5	1,8	6	2,3	11	2,1
Outras	101	37,3	111	43,0	212	40,1
Total	271	100,0	258	100,0	529	100,0

**Quadro 5.** Actividades de tempos livres espontâneas mais frequentes na escola - Diferenciação do sexo

A diferença de valores encontrada entre as práticas realizadas e as desejadas denotam a discordância dos serviços escolares com as necessidades dos alunos, também referida por outros autores (Pereira, 1993, 1997; Pereira & Neto, 1994) (quadro 6)<sup>4</sup>. Também aqui as raparigas estão particularmente condicionadas nas suas escolhas, atendendo a que prevalecem os espaços e actividades preferidos pelos rapazes. A procura feminina de actividade desportiva, fica além da oferta estando de acordo com os dados apresentados por Almeida (1999) e Marivoet (2001). Os valores encontrados na totalidade de actividades desportivas desejadas na escola são de 66,5% para as raparigas e de 67,5% para os rapazes. São pois próximos os dois valores, contrariando as práticas efectivas que se ficavam pelos valores de 25% para as raparigas e de 64,8% para os rapazes. Não só a apetência dos rapazes pelo desporto fica próxima da já existente, como se verifica uma apetência semelhante entre rapazes e raparigas pelas práticas desportivas. Serão pois de considerar também na escola *as intenções de prática desportiva*, à semelhança do que defende Marivoet (2001: 121) sendo *a procura potencial (desejo de iniciar a prática de outras modalidades desportivas para além das já praticadas) e a procura não satisfeita (intenção de iniciar a prática desportiva)*, variáveis importantes a considerar.

Actividades de tempos livres desejadas escola / Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	N	%	n	%	N	%
Futebol	12	5,4	57	27,5	69	16,1
Natação	37	16,7	12	5,8	49	11,4
Computadores	20	9,0	17	8,2	37	8,6
Voleibol	33	14,9	4	1,9	37	8,6
Passear	6	2,7	3	1,4	9	2,1
Conversar	1	0,5	-	-	1	0,2
Outras	112	50,8	116	55,2	226	53,0
Total	221	100,0	207	100,0	428	100,0

**Quadro 6.** Actividades de tempos livres desejadas na escola - Diferenciação do sexo

<sup>3</sup> Apresentam-se em resumo, as cinco mais nomeadas das 26 actividades indicadas

<sup>4</sup> Apresentam-se em resumo, as seis mais nomeadas das 53 actividades indicadas



A actividade espontânea mais praticada fora da escola, é para as raparigas – *ver televisão*, estando de acordo com os numerosos estudos de Pereira & Neto (1994) e também de Silva, Alves, Garcia & Henriques (1995), seguida da actividade – *estudar*; o que não acontece com os rapazes, eles praticam o *futebol e informática*, logo seguido de *andar de bicicleta* (quadro 7)<sup>5</sup>.

Estes dados fornecem-nos também importantes pistas sobre a formação social das crianças estudadas confirmando-se as suas escolhas pelos espaços privados no caso das raparigas e públicos pelos rapazes, confirmando os estudos de Perrot, M. (2000) e ainda Ariès, & Duby, G. (1991). Ver televisão confina-se ao espaço da casa, enquanto jogar futebol ou andar de bicicleta pressupõem o espaço da rua, exterior e a sua consequente conquista e autonomia. As relações sociais inerentes a estas actividades são igualmente díspares ficando a actividade ver televisão, restringida a uma pessoa ou círculo de pessoas diminuto; jogar futebol e andar de bicicleta pressupõem habitualmente um grupo mais alargado, onde se desenvolvem interacções socialmente mais ricas e de maior descoberta.

Actividades de tempos livres espontâneas fora da escola /Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	N	%	n	%	N	%
Ver televisão	65	24,3	21	8,1	86	16,3
Bicicleta	21	7,8	46	17,8	67	12,7
Computadores	17	6,3	47	18,2	64	12,2
Estudar	44	16,4	18	7,0	62	11,8
Futebol	7	2,6	47	18,2	54	10,3
Passear	29	10,8	12	4,7	41	7,8
Outras	85	31,8	67	28,0	152	28,9
Total	268	100,0	258	100,0	526	100,0



**Quadro 7.** Actividades de tempos livres espontâneas mais frequentes fora da escola - Diferenciação do sexo

A actividade espontânea mais desejada fora da escola, é para as raparigas – *Natação*, enquanto que os rapazes continuam a preferir o futebol (quadro 8)<sup>1</sup>. O estudo desta variável evidencia também que as preferências fora da escola não são muito díspares das obtidas para a variável - actividades desejadas na escola. A natação, o futebol e a informática são as actividades mais nomeadas e devem ser consideradas na gestão do lazer escolar. Ao serem integradas nas actividades escolares podem considerar-se uma mais-valia. A modalidade desportiva *Natação* uma das mais nomeadas, exige instalações especiais que raras escolas podem oferecer. Para responder às pretensões dos alunos poderá ser necessário recorrer a parcerias com outras instituições, nomeadamente autarquias e/ou clubes. Evidencia-se mais uma vez o desejo pela prática da *Natação* manifestado pelas raparigas, potenciais “clientes” para o sector. O futebol mantém-se como modalidade preferida dos rapazes dentro e fora da escola.

<sup>5</sup> Apresentam-se em resumo, as seis mais nomeadas das 46 actividades indicadas

<sup>6</sup> Apresentam-se em resumo, as seis mais nomeadas das 78 actividades indicadas

Actividades de tempos livres espontâneas fora da escola/Sexo	Feminino		Masculino		TOTAL	
	N	%	n	%	N	%
Natação	35	16,8	15	07,6	50	12,3
Futebol	13	06,3	33	16,8	46	11,4
Passear	19	09,1	12	06,1	31	07,7
Computadores	7	03,4	11	05,6	18	04,4
Bicicleta	5	02,4	12	06,1	17	04,2
Viajar	12	05,8	5	02,5	17	04,2
Outras	117	56,2	109	55,3	226	55,8
Total	208	100,0	197	100,0	405	100,0

**Quadro 8.** Actividades de tempos livres espontâneas desejadas fora da escola - Diferenciação do sexo

Relativamente às actividades orientadas na escola, o Desporto ocupa 56,9% das crianças (49,9% das duzentas e oito raparigas e 66,6% dos 197 rapazes que responderam a esta questão), enquanto que fora da escola estes valores descem para 35,7% (16,8% das cento e vinte e cinco raparigas e 50,9% dos cento e quarenta e oito rapazes). Ainda fora da escola, 18,7% das respostas (12,8% para as raparigas e 23,6% para os rapazes) incidiram nos Jogos Inter – Freguesias. Estes jogos organizados pela Autarquia, pressupõem alguns treinos e envolvem as crianças e jovens das diferentes freguesias do concelho em competição de diferentes modalidades, existindo uma continuidade e orientação das acções durante um certo período de tempo. Ao somar todas as actividades desportivas indicadas chegamos aos valores de prática desportiva orientada fora da escola de 54,4% (29,6% para as raparigas e 74,5% para os rapazes).

No nosso estudo confirmamos que a oferta do lazer escolar não se limita aos espaços e actividades, mas também à dinâmica, orgânica, promoção, e financiamento à semelhança do que preconiza Cunha (1997a) para o desporto autárquico.

Os espaços de lazer escolar podem ser agrupados em tipologias: lúdico/recreativos, desportivos, culturais e verdes à semelhança do que preconizam Pereira e col. (1999a, 1999b), Pereira, Falé & Carmo (2000) e ainda Pereira et al. (2000) para todos os outros espaços não escolares de lazer.

Os espaços disponíveis para o lazer variam consoante as escolas e também a época em que a escola foi construída estando os espaços desportivos existentes de acordo com os dados constantes na *Carta das instalações desportivas artificiais* (SED/IND, 1996 ) e SED/CEFD (1997; 1998). No entanto, devido à sobre lotação das escolas os espaços disponíveis para o lazer dos alunos são reduzidos ou mesmo inexistentes. Como se pode verificar pela análise do quadro 3, as estruturas existentes denotam a fragilidade da rede escolar relativamente ao factor em estudo. As escolas – os locais onde as crianças passam a maior parte do seu tempo não estão preparadas para o lazer, actividade natural imprescindível ao equilíbrio físico e psicológico dos seus utentes.

As actividades e a dinâmica inerentes a cada escola são diferentes e determinadas pelas características das instalações escolares e pelos recursos humanos presentes na escola à semelhança do que constata Cunha (1997a) para o desporto autárquico.

A promoção do lazer é feita sobretudo internamente, através da comunicação interna. A formalidade dos avisos é complementada pela informalidade da informação directa podendo identificar-se um dos sinais indicados por Bilhim (1996) – a informalidade, um dos factores geradores de inovação. As escolas não demonstraram particular interesse na promoção externa das suas actividades, contrariamente ao preconizado por Cunha (idem) para “a promoção do desporto local”.

Foi possível aqui, à semelhança do preconizado por Cunha (idem) para o desporto autárquico, estabelecer um financiamento do lazer. Foi possível, por conseguinte, identificar vários factores de desenvolvimento do desporto, no sector escolar (Cunha 1997b).

Não existem no nosso estudo medidas de incentivo particulares à participação feminina no lazer activo, contrariando as directivas preconizadas pela União Europeia (1999).

## CONCLUSÕES

Face aos resultados obtidos, pode concluir-se principalmente o seguinte:

1. Existem diferenças significativas entre o lazer feminino e o lazer masculino, evidenciando uma intimidade própria de cada sexo com as diferentes actividades.
2. Existe cumplicidade entre as crianças do mesmo sexo que as leva a preferirem actividades/modalidades desportivas, espaços e companheiros de jogo, dentro do mesmo género.
3. Existem condicionantes limitadoras das oportunidades de acesso ao lazer nas escolas, sobretudo as relacionadas com o *bullying* (violência entre pares) e com os espaços de recreio e desporto, que sendo limitados e de inspiração androcêntrica penalizam sobretudo as raparigas.
4. Existem outras condicionantes limitadoras das oportunidades de acesso ao lazer escolar, nomeadamente o tempo que os alunos passam na escola, o tempo dedicado às tarefas do lar e o transporte utilizado na deslocação para a escola
5. É também e ainda limitadora das oportunidades de lazer o entendimento que as escolas têm sobre esta área de desenvolvimento humano e a disponibilidade de meios materiais e humanos que lhe atribui relativos a: espaços, actividades, dinâmica, orgânica, promoção, financiamento e avaliação
6. Não existem nas escolas estudadas, medidas particulares de incentivo à igualdade de oportunidades no acesso ao lazer



## Bibliografia

- Almeida, C.** (1999, Setembro/Dezembro). A Mulher e o Desporto. In *Desporto*, 4-13.
- Ariès, P., & Duby, G.** (dir.) (1991). *História da vida privada. Da primeira guerra mundial aos nossos dias* (Volume V). Porto: Edições Afrontamento.
- Bell, J.** (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bento, J.** (1991a). Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva. In *O desporto no século XXI. Os novos desafios* (113-146). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Bento, J.** (1991b). Desporto para todos: os novos desafios. In *Congresso europeu desporto para todos. Os espaços e os equipamentos desportivos* (pp. 243-251). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Bilhim, J.** (1996). *Teoria organizacional. Estruturas e pessoas*. Lisboa: ISCSP:9
- Carço, D., & Castro, I.** (prep.) (2000). *Portugal Situação das Mulheres 1999*. Lisboa: CIDM.
- Carmo, M.** (2001). Igualdade de oportunidades no acesso ao lazer para as populações feminina e masculina. Tese de Mestrado. F.C.D.E.F. U.P.
- Cunha, L.** (1997a). *O Espaço e o acesso ao desporto. Estudo da acessibilidade ao desporto na sub – região do vale do Tejo – constituição de um modelo de avaliação*. Tese de doutoramento, FMH.
- Cunha, L.** (1997b). *O Espaço, o desporto e o desenvolvimento*. Lisboa: Edições FMH.
- Cunha, L.** (1998). O espaço e o acesso ao desporto. In Pereira, P. (Ed.), *III Congresso nacional de Gestão de Desporto/98: Desporto 2000. Processo de mudança* (pp.137-149). Madeira: Associação Portuguesa de Gestão de Desporto.
- Duby, G., & Perrot, M.** (dir.). (1993). *História das Mulheres. A Antiguidade* (Volume 1). Porto: Edições Afrontamento.
- Dumazedier, J., & Ripert, A.** (1966). *Loisir et culture*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ehrhardt, U.** (2000). *As boas raparigas vão para o céu as más vão para todo o lado*. Lisboa: Editorial Presença.
- Formosinho, J.** (1987a). A educação informal da família. In *Cadernos de análise social da educação, O insucesso escolar em questão* (pp. 17-22). Área de análise social e organizacional da educação. Braga: Universidade do Minho.
- Formosinho, J.** (1987b). A influência dos factores sociais. In *Cadernos de análise social da educação. O insucesso escolar em questão* (pp. 29-34). Área de análise social e organizacional da educação. Braga: Universidade do Minho.
- Formosinho, J.** (1987c). O currículo uniforme pronto a vestir de tamanho único. In *Cadernos de análise social da educação. O insucesso escolar em questão* (pp. 41-50). Área de análise social e organizacional da educação. Braga: Universidade do Minho.
- Formosinho, J., & Fernandes, A.** (1987). A influência dos factores escolares. In *Cadernos de análise social da educação. O insucesso escolar em questão* (pp.29-40). Área de análise social e organizacional da educação. Braga: Universidade do Minho.
- Henriques, F.** (1996). *Projectos de vida projectos de aprendizagem*. Estudo exploratório (2ª edição). Lisboa: CIDM. Presidência do Conselho de Ministros.
- Lamas, M.** (1952). *A mulher no mundo* (Volume II). Rio de Janeiro-Lisboa: Livraria Editora da Casa Estudante do Brasil.
- Larraz, A.** (1988). El acondicionamiento de zonas de juego para niños. *Apunts*, 13, 3-6.
- Lopes, J.** (1997). *Tristes escolas. Práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marivoet, S.** (2001). *O género e o desporto: hábitos e tendências*. *Ex aequo*, 4, 115-132.
- Marques, M.** (1998). *Espaço de jogo e desenvolvimento da criança. Estudo da variação de recreios escolares e os comportamentos anti – sociais em crianças do 1º ciclo*. Tese de Mestrado, FMH.
- Martelo, M.** (1999). *A escola e a construção da identidade das raparigas. O exemplo dos manuais escolares*. Lisboa: CIDM. Presidência do Conselho de Ministros.
- Neto, C.** (1997a). Tempo e espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. In Neto, C. (Ed.) *Jogo & desenvolvimento da criança* (pp.10-22). Lisboa: Edições FMH.
- Neto, C.** (1997b). Jogo e desenvolvimento da criança. In Neto, C. (Ed.) *Jogo & desenvolvimento da criança* (pp.5-9). Lisboa: Edições FMH.
- Pereira, B.** (1993). *A infância e o lazer. Estudo da ocupação dos tempos livres da criança dos 3 aos 10 anos em diferentes contextos sociais*. Tese Mestrado, UTL-FMH.
- Pereira, B.** (1997). *Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar. Os recreios e as práticas agressivas das crianças*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança.
- Pereira, B.** (2001). *A violência na escola. Formas de prevenção*. In *A escola e a criança em risco. Intervir para prevenir*. Edições Asa.
- Pereira, B.** (coord.), **Coquet, E., Malta, P. & Laranjeiro, H.** (1999 a). *Espaços de lazer para a infância na Região Norte, Ave (NUTS III)*. Braga (Relatório policopiado, vol.1): Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

- Pereira, B.** (coord.), **Coquet, E., Malta, P., Laranjeiro, H., Sousa, T. & Gonçalves, A.** (1999 b). *Espaços de lazer para a infância na região Norte – Alto Trás-os-Montes (NUTSIII)*. Braga (Relatório policopiado, vol. 2): Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho: 9
- Pereira, B.** (coord.) et al. (2000). *Espaços de lazer para a infância na Região Norte, Minho-Lima (NUTS III)*. Braga (Relatório policopiado, vol. 3): Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho:9
- Pereira, B., Falé, P. & Carmo, M.** (2000). Espaços lúdicos. In *Espaços de lazer para a infância na Região Norte, Minho-Lima (NUTS III)* (13-30). Braga (Relatório policopiado, vol. 3): Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Pereira, B., & Neto, C.** (1994). O Tempo livre na Infância e as Práticas Lúdicas Realizadas e Preferidas. *Ludens*, 1 (vol.14), 35-41:7
- Pereira, B., & Neto, C.** (1999). As crianças, o lazer e os tempos livres. In *Saberes sobre as crianças. Para uma Bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974 – 1998)*, (pp. 85-213). Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Pereira, B., Neto, C. & Smith, P.**(1997). Os espaços de recreio e a prevenção do “bullying” na escola. In Neto (Ed.), *Jogo & Desenvolvimento da criança* (pp. 238-257). Lisboa: Edições FMH.
- Pereira, B. & Pinto, A.** (1999). Dinamizar a escola para prevenir a violência entre pares. In *Sonhar. Comunicar/repensar a diferença* (pp. 19-33). Braga: APPACDM.
- Perrot, M.** (2000). Liberté, égalité, parité. *L’Histoire. Spécial: Les femmes*, 245, 104-107.
- Pessanha, A.** (2001). *A utilização de tempos livres na integração de alunos na Escola Básica de Telheiras*. In *A escola e a criança em risco. Intervir para prevenir*. Edições Asa.
- Pfister, G.** (1991). Integração no ambiente, experiências motoras e actividades desportivas de raparigas e mulheres. In Câmara Municipal de Oeiras (Ed.), *Congresso europeu desporto para todos. Os espaços e os equipamentos desportivos* (pp. 129-140). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Pires, G.** (1995a). *Desporto. Planeamento e gestão de projectos*. Lisboa: Edições FMH.
- Pires, G.** (1995b). Mudança social e gestão do desporto. *Ludens*, 4 (vol.15), 27-63.
- Sampaio, D.** (1997). *A cinza do tempo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Secretaria de Estado do Desporto** (1996). *Carta das instalações desportivas artificiais. Distrito do Porto*. Instituto do Desporto.
- Secretaria de Estado do Desporto** (1997). *Instalações desportivas artificiais. Portugal continental*. Centro de Estudos e Formação Desportiva: 9
- Secretaria de Estado do Desporto** (1998). *Carta das instalações desportivas artificiais* (em 1-3-2000). CEFD. [www.sedesporto.pt/Cefd/Instalações Artificiais Porto.htm](http://www.sedesporto.pt/Cefd/Instalações%20Artificiais%20Porto.htm)
- Silva, L., Alves, F., Garcia, A. & Henriques, F.** (1995). *Rosa cor de azul. Projecto “Em busca de uma pedagogia da igualdade”*. Lisboa: CIDM, Presidência do Conselho de Ministros.
- Strecht, P.** (1998). *Crescer vazio. Repercussões psíquicas do abandono, negligência e maus tratos em crianças e adolescentes* (2ª edição). Lisboa: Assírio e Alvim.
- União Europeia** (1999). *Parecer sobre “O modelo europeu do desporto”* (15/16 de setembro, CdR 37/99 fin). Bruxelas: Comité das Regiões.